



**APONTAMENTOS BIBLIOGRÁFICOS SOBRE JOGOS
TEATRAIS NO BRASIL.
RETROSPECTIVAS E LUTAS, CONQUISTAS,
RETROCESSOS, IMPERMANÊNCIAS**

Alexandre Mate*

**Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Julio de
Mesquita Filho” – UNESP**
alexandre_mate@yahoo.com.br

RESUMO: O texto recupera o material bibliográfico produzido sobre teatro-educação, prática teatral ou trabalho com jogos teatrais/dramáticos a partir dos anos 1970. Demonstra-se aqui, por algumas experiências em andamento e pela publicação de poucos títulos, que a prática e a reflexão com os jogos já existia antes de 1979. Sem a pretensão de apresentar toda a produção sobre o assunto, pode-se constatar uma diminuição na quantidade dessas publicações, sobretudo a partir de meados da década de 1990.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos teatrais e história – Jogos teatrais e bibliografia – Jogos teatrais: 30 anos – Jogos teatrais em São Paulo.

ABSTRACT: This paper presents some appointments about the literatura produced on theater-education, theatrical experience and works with theatrical/dramatic games, starting on 1970, in Brazil. It is shown, by some experiments in progress and a few titles published in the beginning of the seventies, that the games practice already existed before 1979. Without the aspiration of presenting all the titles produced about the subject, we can realize a diminution on these materials quantity, especially since the middle of the nineties.

KEYWORDS: Theatrical games and history – Theatrical games and bibliography – Theatrical games: 30 years - Theatrical games: São Paulo.

ENSAIANDO ALGUNS PASSOS

[...] o conhecimento se dá numa rede onde se entrelaçam prejuízos, intuições, ineruações,

* Doutorado em História Social – FFLCH/USP. Pesquisador de teatro e do Núcleo Nacional de Pesquisadores de Teatro de Rua. Autor dos livros: **Buraco d’Oráculo**: uma trupe paulistana de jogadores desfraldando espetáculos pelos espaços públicos da cidade. São Paulo: publicação do Grupo, 2009. Trinta anos da Cooperativa Paulista de Teatro: uma história de tantos (ou mais quantos, e sempre juntos) trabalhadores fazedores de teatro. São Paulo: IMESP, 2009.

autocorreções, antecipações e exageros, em poucas palavras, na experiência, que é densa, fundada, mas de modo algum transparente em todos os seus pontos.
Theodor ADORNO

Diversos são os relatos enfocando o trabalho com os jogos na educação referindo-se a experiências com mais de 40 anos. Maria Alice Vergueiro, como professora da Escola de Comunicações e Artes da USP, na década de setenta, já trabalhava com jogos em suas aulas e tem alguns textos escritos relatando suas experiências, apreensões e pressupostos. A mestra – sem dúvida, também, uma das maiores atrizes do teatro brasileiro, com uma obra sempre polêmica, rigorosa e experimental – teve publicado um desses textos: **O teatro na educação**¹. Antes desse trabalho é bom lembrar a obra pioneira, publicada no início da década de 1960 ou final da de 1950, de Olga Obry. **O teatro na escola**², salvaguardados alguns avanços e descobertas, bastante interessante, e que ainda é possível encontrar em sebos e bibliotecas especializadas.

Emílio Fontana, estudante recém-formado pela Escola de Arte Dramática (EAD)³, em 1953, com José Renato Pécora e Armando Paschoal, participa da fundação do importantíssimo grupo Teatro de Arena de São Paulo. Desligado desse primeiro grupo, em 1954, com a atriz (posteriormente grande fonoaudióloga) Maria do Carmo Bauer, Emílio Fontana funda o Pequeno Teatro Popular e passa a dedicar-se também, ao ensino de teatro. Assim é que, na década de 1960, inserido no quadro de professores do Colégio Estadual Prof. Antônio Alves Cruz (escola fincada em bairro elegante e repleto de mansões)⁴, Fontana ministra aulas de teatro e produz um interessante texto com 16

¹ VERGUEIRO, Maria Alice. O teatro na educação. **Revista Comunicações e Artes**, São Paulo: Revista dos Tribunais; ECA-USP, n. 3, 1970.

² OBRY, Olga. **O teatro na escola**. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d.

³ A Escola de Arte Dramática foi fundada em 1948 por Alfredo Mesquita. O principal objetivo da escola configurava-se na formação de atores para se inserirem, com atores, nos quadros da companhia empresarial representada pelo Teatro Brasileiro de Comédia, também fundado em 1948 por Franco Zampari e Ciccillo Matarazzo. A orientação estética da escola seguia rigorosamente os pressupostos do chamado esteticismo francês, amparados nos processos da **Comédie Française** e elaboração de Jacques Copeau. Em 1969, depois de passar por várias sedes, a EAD é incorporada definitivamente à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

⁴ Na década de 1990 tive oportunidade de ministrar aulas de Educação Artística na mesma escola. Naquele momento a escola atendia apenas ao ensino do então chamado 2º grau (hoje escola Média). Nas turmas do período matutino e vespertino, a escola atendia a estudantes, filhos da classe média: à noite, fundamentalmente trabalhadores frequentavam a escola, sendo que talvez a maioria das meninas era constituída por empregadas domésticas. Outra curiosidade nas turmas de terceiro ano, do matutino

páginas, encadernado em forma de brochura, apresentando conteúdos, metodologia e objetivos a serem alcançados nas aulas de Declamação e Arte Dramática. As proposições apresentadas no texto **Observações Sobre o Ensino do Teatro no Curso Médio**, logo à primeira página, evidencia que o conteúdo e as ações propostas no texto destinam-se aos estudantes de 3^{as} e 4^{as} séries (atualmente 7^{as} e 8^{as} séries do ensino Fundamental). Para que se tenha uma idéia da “flexibilidade do currículo”, assim aparece no material:

As atividades da cadeira de Declamação e Arte Dramática tiveram início no segundo semestre de 1964 e a escolha realizada pela direção da escola seguiu o seguinte percurso: inicialmente procedeu-se à substituição da cadeira de “Trabalhos Manuais” por “Enfermagem” e posteriormente pela cadeira de “Declamação e Arte Dramática”, que está sugerida, entre as optativas, na nova legislação do ensino médio do Estado. [...].

Assumi a cadeira numa situação curiosa, onde não existia apoio algum para a elaboração de um programa. Parti, então, para uma posição de pesquisa. Esta me pareceu uma orientação segura. À resposta do aluno iria eu elaborando uma sistemática de ensino.⁵

O documento produzido por Emílio Fontana (que provavelmente não deve ter acesso à obra de Olga Obry) é extremamente interessante porque corresponde a uma tarefa pioneira a que muitos professores estariam submetidos, e que, exatamente por isso, exigia uma alternativa concreta no sentido da organização da experiência pedagógica. As matérias anteriores ligadas à parte optativa do currículo (inserido, então, em proposição humanista) evidencia a generalização e falta de critérios no processo de formação do estudante, ou o modo como a arte era concebida nesse “arremedo de processo de formação humanista do indivíduo”. Aliás, o descaso com relação à importância da arte no processo de formação do indivíduo/estudante não ficou restrito a esse momento histórico, a ditadura militar, que toma de assalto o poder em 31 de março de 1964, promoveu, com ajuda sobretudo de *know how* de técnicos norte-americanos um “estrago”, em tantos corações e mentes, que até hoje se faz sentir.

Dentre tantos outros casos que poderiam ser aqui destacados selecionei a experiência do grande dramaturgo paulista Jorge Andrade, por entre os meandros da educação. Em material, com 18 páginas, preparado pelo RENOV – Relações

e do vespertino, constituía-se no fato de a maioria dos estudantes ser muito rica. Isto se devia ao fato de essa maioria estudar em cursinhos caros e fazer o terceiro ano ao mesmo tempo.

⁵ FONTANA, Emílio. **Observações sobre o ensino do teatro no curso médio**. São Paulo, 1965, p.1. (Publicação por iniciativa do autor.)

Educacionais e do Trabalho⁶, há um belo relato – na publicação chamado de **Depoimento de Uma Educadora** – de uma das grandes mestras da educação brasileira Maria Nilde Mascelani. Pela importância histórica de que se reveste o material e também por sua autora, reproduzo o texto quase na íntegra.

Conheci Jorge Andrade pela sua obra. Mas pessoalmente travei contato com ele após a descoberta que deste dramaturgo fizeram os alunos do Ginásio Estadual Vocacional de Barretos numa situação de estudo do meio local. Deles recebi uma cartinha na qual entre outras coisas destaquei uma frase: “Não dá para a Sra. contratar o Sr. Jorge Andrade para dar Teatro pra gente? Ele diz que não é professor mas a gente queria muito...”

Neste estudo do meio, levando à prática a descoberta de valores artísticos locais, os ginásianos encontraram Jorge Andrade em sua casa, escrevendo textos de Teatro, como sempre. Conversa vai, conversa vem, as partes se encantaram reciprocamente: os alunos com o Jorge e ele com os alunos.

Falei com Sábado Magaldi, professor de teatro e crítico teatral. Ele tinha um filho, o Marcos, estudando no Colégio Vocacional Aranha no Brooklin. Sábado Magaldi me deu todo apoio para pleitear junto à Secretaria da Educação a contratação do novo professor que era advogado e dramaturgo (formado pela Escola de Arte Dramática). Contrato que se fez sem títulos e registros formais de professor secundário.

Tal foi nossa motivação, alunos, professores, pais, que as barreiras burocráticas foram derrubadas. Jorge aceitou lecionar Teatro em Barretos. Desenvolveu lá excelentes experiências de expressão cênica, de criação de textos, de apresentação de peças escritas pelos próprios alunos e de peças consagradas pela história. Pela primeira vez o povo de Barretos assistiu à peça **A Moratória**, de sua autoria, encenada com a participação de alunos, pais de alunos e professores.

Em 1966, convidei-o para lecionar Teatro no Colégio Vocacional Oswaldo Aranha, na Capital e orientar seus colegas de magistério dessa área. A aceitação implicou na mudança de Barretos para São Paulo. Foram anos de muita elaboração intelectual, pedagógica e teatral. **As Confrarias. O Sumidouro** foram peças elaboradas no cotidiano da escola, apresentadas e debatidas com os alunos, colegas, pais de alunos, funcionários e estagiários da USP e da PUC – SP. Com seus colegas de Artes Plásticas, de Literatura, de Educação Musical e Expressão Corporal, Jorge coordenou as “Sínteses Dramáticas” ao final de três anos letivos: expressão teatral das aprendizagens cognitivas e das vivências do processo educativo dos jovens. Estes trabalhos cênicos aliados aos textos de teatro elaborados pelos alunos o levariam a corajosos depoimentos na réplica aos interrogatórios militares no Inquérito Policial-Militar que se instaurou sobre os Colégios Vocacionais de 1969 para 1970.

Jorge Andrade foi o primeiro professor da rede de Ginásios e Colégios Vocacionais a pedir demissão da função, quando a 19 de junho de 1969 houve a primeira intervenção político-militar na experiência,

⁶ RENOV – RELAÇÕES EDUCACIONAIS E DO TRABALHO. **Jorge Andrade – o dramaturgo e o educador**. São Paulo, Abril/Maio de 1986.

caracterizada pela demissão da Coordenação Geral do Serviço do Ensino Vocacional e da Direção do Ginásio Estadual Vocacional de Americana (Papa João XXIII).

Ele repetiria de algum modo naquela data o gesto que já marcara sua coerência quando durante manifestação pública dos artistas e dos intelectuais brasileiros, de repúdio à ditadura, devolveu ao jornal **O Estado de S. Paulo** a estatueta simbólica [troféu Saci] de um prêmio que lhe fora concedido.

Acompanhei-o em sua trajetória de educador e de dramaturgo desde 1963 até seu falecimento em 1984. [...] Sua própria vida tão bem descrita em **Rasto Atrás** e em **O labirinto** revelam a faceta do homem educador. Do educador coerente que respondia com coragem aos interrogatórios do IIº Exército em 1970, do educador que se encantava com o desabrochar do pensamento e do sentimento dos adolescentes, do educador e amigo que preferia não ouvir a sentença do Conselho da IIª Auditoria Militar de São Paulo quando qualquer combatente democrático era julgado.⁷ (Destacado)

O texto da professora Maria Nilde apresenta excelentes pistas sobre a situação vivida pelos vocacionais naquele momento. Mesmo sem que houvesse a prática da atividade teatral na escola de modo institucionalizado, sua inserção deveu-se também ao trabalho de Jorge Andrade. Não foi possível entrevistar nenhum dos ex-alunos dos vocacionais ou ter acesso a trabalhos que enfocassem o que lá teria ocorrido, mas, pelo fato de Jorge Andrade ter cursado a Escola de Arte Dramática, é bem possível que as montagens de textos pudessem, vez ou outra, ser precedidas pelo trabalho com os jogos.

BOTANDO BLOCOS NA RUA...

No sentido de não entrar direto no assunto, na medida em que algumas experiências já estavam em andamento antes de o trabalho com o jogo dramático ou teatral ter sua data oficializada em 1979, apresentei aqui as duas experiências a partir de Emílio Fontana e Jorge Andrade. Por meio das duas inserções iniciais pretendi evidenciar, do mesmo modo como o ocorrido em qualquer outra área humana, não ligada aos interesses dos detentores do poder da vez, que uma determinada prática (nesse caso a teatral) desenvolvia-se. Ainda alicerçado no texto da professora Maria Nilde, com a ida de Jorge Andrade ao Vocacional Oswaldo Aranha importante destacar que além de ministrar aulas de teatro, o dramaturgo “acumulou a função” de orientar, pelo que se pode inferir na área de humanas, seus colegas de magistério.

⁷ RENOV – RELAÇÕES EDUCACIONAIS E DO TRABALHO. **Jorge Andrade – o dramaturgo e o educador**. São Paulo, Abril/Maio de 1986.

Atendo-se principalmente a algumas experiências desenvolvidas em escolas particulares – e cuja proposta em algumas delas caracterizava-se exequível –, é publicada em 1973, pela Forense Universitária, do livro de Paulo Coelho **O teatro na educação**. Trata-se de uma obra exemplar no que concerne à impossibilidade de aplicabilidade de suas proposições, do então parceiro de Raul Seixas e futuro “bestsellerista” com a obra **O mago**. O livro de Paulo Coelho compreende o trabalho com jogos de integração, o trabalho corporal e com o jogo dramático. Muitas são as “pérolas” propugnadas pelo autor, mas para não falar em tese, a que se destacar a infraestrutura de que se necessitaria para desenvolver o por ele chamado teatro criativo. Sala ambiente, com chão limpo e protegido por tacos de madeira, aparelho de som, discoteca a disposição... na totalidade das escolas públicas – e em tantas outras particulares – tais solicitações eram (e continuam sendo) impossíveis. Trata-se, portanto, de obra importante, mas destinada a poucas instituições escolares.

Transformado em espécie de cartilha e imposto reiteradamente em quase todas as bibliografias e em concursos que passaram a acontecer a partir de 1978, a Summus Editorial lança no Brasil o livro do inglês Peter Slade. Síntese de obra maior – **Child drama** e escrita a partir de mais de vinte anos de processos de experiência e observações com crianças inglesas – **O jogo dramático infantil** (1978) propõe o trabalho com os jogos dramáticos, mas impõe certa concepção e valores ideológicos, de certo modo, aristocráticos. Os “faça e não faça”; “os deixe e não deixe”; os prêmios pelo “bom comportamento”, que no caso significa fazer aquilo que o sempre sábio orientador quer e acredita ser o melhor; as comparações maniqueístas entre aquilo que é bom e o que é mau; os exemplos de temas para dar início aos jogos e procedimentos para trabalhar com, designado pelo autor de, drama social representam alguns exemplos do que aqui se afirma. A obra de Slade tem o grande mérito de ter criado conceitual e estrategicamente duas propostas articuladas por meio das quais o trabalho com o jogo dramático pode ser desenvolvido, são elas: o jogo dramático projetado e o jogo dramático pessoal.

A publicação da obra pioneira de Viola Spolin, em 1979 (junto à de Peter Slade marca o início do trabalho, de modo sistemático, com o jogo teatral em âmbito mais amplo e generalizado nas escolas brasileiras) decorre, sobretudo, das necessidades demandadas pela implantação da Lei 5692/71, que impôs a nefasta – e eclética ao paroxismo – Educação Artística e o professor polivalente.

Por exigência da lei, sem infraestrutura ou mesmo conhecimento da totalidade das áreas dos diversos conteúdos que formavam a disciplina, os professores de Educação Artística, formados em dois anos (licenciatura curta) ou três (licenciatura plena), tiveram de buscar todo tipo de referencial teórico, em tantas e diferenciadas fontes, para ministrar suas aulas. Viola Spolin surge como alternativa absolutamente significativa ao trabalho com a linguagem teatral na escola. As propostas de Viola Spolin preocupavam-se tanto com os procedimentos pedagógicos (dentre eles a formação do indivíduo) como com o resultado estético, cujas sínteses deveriam ser apresentadas à comunidade local (e não apenas escolar). Não se tratava, pela ótica e proposição defendidas pela autora, de formar artistas, mas, por conta do zelo a partir do qual o trabalho caminharia, de desenvolver nos estudantes uma apreensão de beleza que pudesse vislumbrar e espraizar o sentido estético da linguagem teatral, a busca da beleza: no processo e no resultado e o sentido de construção de obra coletiva e democraticamente construída. Tratava-se, fundamentalmente, da criação de uma obra que contemplasse o indivíduo e a comunidade à qual ele estivesse inserido.

Ainda em 1979, embasada na teoria piagetiana e nas proposições e procedimentos de Peter Slade, a Livraria José Olympio Editora publica a obra da professora gaúcha Olga Reverbel: **Teatro na sala de aula**. Na obra citada, a pioneira professora gaúcha apresenta em seu livro uma rápida introdução e uma série de jogos e atividades com o jogo dramático. Pelo sucesso do livro e carência de outros materiais, a Editora Scipione, por meio da série “Pensamento e Ação no Magistério”, amplia aquele primeiro livro e publica, em 1989: **Jogos teatrais na escola – atividades globais de expressão e Um caminho do teatro na escola**.⁸ Nesse mesmo ano, ainda, da autora é lançado pela editora Kuarup, de Porto Alegre, o livro **Teatro: atividades na escola**. Ainda da autora, no sentido de facilitar o trabalho dos professores, no concernente à história do teatro, a editora de Porto Alegre L&PM publica um pequeno livro: **Teatro – uma síntese em atos e cenas** (1987).

⁸ Pela grande demanda ocorrida na década de oitenta, houve massiço investimento nessa série. Ainda, de certa forma, ligado ao processo teatral, mas adotando proposição de Peter Slade (**Jogo Dramático Projetado**), a Scipione publica: WEISS, Luise. **Brinquedo & engenhocas** – atividades lúdicas com sucata. São Paulo: Scipione, 1989; LADEIRA, Idalina e CALDAS, Sarah. **Fantoche & Cia**. São Paulo: Scipione, 1989. Dos vários materiais sobre dobradura, muitos deles vislumbrando um trabalho com “contação de história”, foi publicada a obra: CHEMELLO, Thereza. **Brincando com as dobraduras**. São Paulo: Global Editora, 1987.

No sentido de “embalar” o trabalho dos professores de Educação Artística, ainda na década, diversas obras passaram a ser lançadas no mercado. A Editora Summus, por meio da série “Novas Buscas em Educação”, publica o livro organizado por Louis Porcher: **Educação artística luxo ou necessidade** (em francês **L’Education Esthétique – luxe ou nécessité**). Da publicação em português, da página 133 a 157, dedicadas ao trabalho com a linguagem teatral, Bernard Blot inicia sua reflexão afirmando que o espetáculo montado na escola corresponderia a um ato de transgressão. Apesar da excelente afirmação e provocação inicial, o desenvolvimento da proposta do autor não se aproxima, em absoluto, do desafio apresentado no início. Trata-se de mais um texto que apresenta algumas considerações teóricas e um conjunto de atividades que parecem esgotar em si mesmas.

Fundamentado em três experiências, desenvolvidas em locais diferentes – e defendendo a tese de que o teatro além de estética tem também uma função social – Joana Lopes tem, em 1981, publicada a obra **Pega teatro**. Por meio da obra e dos modos como a autora desenvolvia seu trabalho, as questões sociais e contextuais das comunidades constituíam-se na base das atividades teatrais por elas desenvolvidas e apresentadas no livro. O estético para Joana Lopes, pelo menos no livro aqui citado, caminha, necessariamente, incorporando um olhar social e político.

Desse modo, ao contrapor as três tendências acerca do trabalho com a atividade teatral até aqui apresentadas: com Peter Slade ajudaria e “aparar e/ou reparar” o comportamento do indivíduo, às normas sociais vigentes; com Viola Spolin ajudaria tanto na formação do indivíduo como no desenvolvimento e percepção do senso estético; com Joana Lopes, ao juntar o estofo e o escopo anteriores, a outras dimensões, ajudariam no processo de transformação do indivíduo. Nessa última proposição, as atividades teatrais ajudariam na passagem do senso comum à consciência crítica, e não apenas estética. Para Joana Lopes há um imbricamento entre o estético, o ético e o político.

Além dos três autores aqui citados, e referindo-me sempre à experiência vivida na cidade de São Paulo, com um trabalho absolutamente significativo e desde fins da década de 1970, Ingrid Dormien Koudela caracteriza-se em importante referência da implantação do teatro-educação. Inicialmente, por meio da tradução de **Improvisação para o teatro** (em parceria com Eduardo Amos) – obra apresentada à Ingrid Dormien Koudela por Maria Alice Vergueiro que participara de um congresso e trouxera a obra

em inglês – e pela aplicação e aprofundamento das proposições de Viola Spolin, a professora Ingrid D. Koudela desenvolve seu mestrado adotando o método de Spolin, em uma perspectiva prática, basicamente com crianças de 9 a 15 anos. Surge dessa reflexão e trabalho, em 1984, o livro: **Jogos teatrais**, publicado pela editora Perspectiva.

A professora Ingrid relata experiência teatral desenvolvida a partir de relatório da professora Madalena Freire no último capítulo de seu mencionado livro. Referindo-se às experiências de Madalena Freire durante o segundo semestre com crianças de 4 anos na Escola Criarte, uma série de *performances* foi apresentada para crianças que visitavam a XV Bienal de São Paulo. Karin Mellone coordenou os trabalhos e o espetáculo performático chamou-se **Genoveva visita a escola** ou **A galinha assada**. A referência a Madalena Freire é aqui apresentada também pelo surpreendente trabalho desenvolvido pela educadora na Escola da Vila, uma das escolas-modelo da cidade de São Paulo, frequentada por filhos da alta burguesia, em que o aprender, sobretudo para as crianças da pré-escola, amalgama-se organicamente às tarefas lúdicas.

Por meio de relatórios de Madalena Freire, e partindo a partir de processos de dialogismo, em que as falas da educadora aparecem ao lado da dos estudantes, surge um livro cujas páginas aparecem escritas em três cores: a da terra, a das águas e a da natureza. Trata-se de **A paixão de conhecer o mundo**: relatos de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Nessa obra, que iluminou a prática de tantos professores na década de 1980, as relações entre os diversos sujeitos compreendidos por uma turma davam-se, permanentemente por processos de cumplicidade partilhada. As descobertas, as trocas, a produção de conhecimentos fundamentavam-se em relações horizontais, no lúdico e no jogo sempre cúmplice.

Retornando a Ingrid Dormien Koudela, a professora da Escola de Comunicações e Artes da USP deu continuidade ao seu trabalho com os jogos e estendeu seu raio de ação. Por intermédio de um rigoroso processo de pesquisa, Ingrid Koudela estuda as peças didáticas ou peças de aprendizagem (*lehrstücke* ou *learning play*) de Bertolt Brecht. Dessa pesquisa resulta sua tese de doutoramento, **Bertolt Brecht**: um jogo de aprendizagem, publicado pela editora Perspectiva, São Paulo, 1991. Os estudos e propostas da professora Ingrid, ao longo de tantos anos, sobretudo pelo exercício docente, tem ajudado a formar excelentes professores e pesquisadores em teatro-educação.

Mesmo sem especificamente ter escrito obras que se destinassem especificamene ao trabalho teatral em sala de aula, Augusto Boal, pelo menos entre os professores da cidade de São Paulo, ganhou grande destaque com os jogos propostos no livro **Duzentos exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro** (1983). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Muitos professores – à semelhança com relação aos já mencionados **O jogo dramático infantil e Improvisação para o teatro** – utilizaram-se do livro de Augusto Boal como uma espécie de livro sagrado.⁹ Ainda da década de 1980, relatando experiências por diversos países da América Latina, Boal tem lançado pela editora Hucitec, de São Paulo, seu importante livro: **Técnicas latino-americanas de teatro popular: uma revolução copernicana ao contrário** (1988).

Na mesma senda do popular e inserido em proposição mais política e comunitária, o livro de César Vieira **Em busca de um teatro popular** (1977). São Paulo: Editado pelo Departamento Gráfico do Grupo Educacional Equipe, com patrocínio da Unesco¹⁰ “alimentou” a prática de muitos trabalhos de professores, sobretudo como atividade extracurricular, envolvendo sujeitos de toda a comunidade em que ministrava suas aulas. Do mesmo modo, a prática teatral de muitos professores e estudantes foi orientada por Maria Helena Kühner, por meio do livro **Teatro popular: uma experiência** (1975). Rio de Janeiro: Francisco Alves. Nesse particular, há diversas reflexões desenvolvidas em âmbito de pós-graduação. Delas todas, com orientação de Clovis Garcia, a dissertação de Selma Pellizon Teixeira de Camargo (**A arca do tesouro: um estudo do teatro escolar na escola pública estadual de 1º e 2º graus da cidade de São Paulo**. São Paulo: Departamento de Artes Cênicas, ECA/USP, 1986, 2v.) caracteriza-se em excelente referência. Ao analisar os espetáculos que fizeram parte da I Mostra de Teatro da então Associação de Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP), a professora (atriz de teatro e que pertencera ao importantíssimo grupo de teatro TTT – Truques, Traquejos e Teatro) estabelece diversos cotejos por meio dos quais os grupos de escolas públicas conseguiam,

⁹ Devido ao sucesso do livro, conciliado à necessidade de material de apoio ao professor e aos processos de trabalho dos grupos de teatro, o livro foi relançado, revisto e ampliado. Jogos para atores e não-atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

¹⁰ Em sua quarta edição, atualizada e para comemorar seu aniversário de 40 anos, com distribuição gratuita, o livro foi relançado em 2007, com o mesmo nome pela Funarte.

vencendo inúmeras dificuldades, montar e desenvolver seus trabalhos nas escolas públicas do Estado.

Por conta de haver uma grande demanda e, também, no sentido de embasar conceitualmente o trabalho com jogos em sala de aula, são publicadas obras, cuja importância até hoje são essenciais. Dentre esses autores e obras podem ser destacados: Fanny Abramovich. **O estranho mundo que se mostra às crianças** (1983). São Paulo: Summus Editorial; Hector González. **Jogo, aprendizagem e criação – dramatização com crianças**. Argentina: Coquema Grupo Editor S.R.L.; Livros do Tatu, 1990; Jacob L. Moreno. **O teatro da espontaneidade** (1984). São Paulo: Summus Editorial; Jaime G. R. Bermudez. **Introdução ao Psicodrama** (1987), São Paulo: Mestre Jou; Jean Chateau. **O jogo e a criança**. São Paulo: Summus Editorial, 1987; Johan Huizinga. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura** (1980). São Paulo: Perspectiva; José Ortega y Gasset. **A idéia do teatro** (1978); Richard Courtney. **Jogo, teatro & pensamento** (1974). São Paulo: Perspectiva; Umberto Eco e Mariza Bonazzi. **Mentiras que parecem verdades** (1980). São Paulo: Summus Editorial. Muitos desses títulos alimentaram estudos, também, em âmbito de pós-graduação.¹¹

Como havia uma insistência na importância de o trabalho com a linguagem teatral na escola iniciar-se com a prática de jogos – nos cursos universitários de Educação Artística; em processos de aperfeiçoamento, então chamados de “reciclagem de professor”, desenvolvidas por órgãos centrais da Secretaria do Estado da Educação (como aqueles da Coordenadora de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP, por exemplo); em oficinas de teatro espalhadas pelos mais diferentes locais... – algumas editoras publicaram livros para que os jogos pudessem ser disseminados e servir à etapa preparatória da atividade grupal. Dentre esses livros, com muitas edições, podem ser destacados de Silvino José Fritzen. **Jogos dirigidos: para grupos, recreação e aulas de educação física**¹²; **Exercícios práticos de dinâmica de grupo**¹³. Além das obras citadas

¹¹ Apesar de não terem sido apresentados na lista, tendo em vista a dificuldade demandada por outra língua, não podem deixar de ser mencionadas: a obra originalmente publicada em 1958 de CALLOIS, Roger. **Les jeux et les hommes**. Paris: Gallimard, 1991. RYNGAERT, Jean-Pierre. **Les jeux dramatique en milieu scolaire**. Paris: CEDIC, 1977. RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jouer, représenter (Pratiques dramatiques et formation)**. Paris: CEDIC, 1985.

¹² FRITZEN, Silvino José. **Jogos dirigidos: para grupos, recreação e aulas de educação física**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

¹³ Id. **Exercícios práticos de dinâmica de grupo**. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 1993. vol. 1 e 2. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade São Paulo; Associação de Arte-Educadores do Estado de São Paulo (AESP), 1984

acima, merece destaque o esforço representado pela publicação: **Arte-educação no Brasil: bibliografia**.¹⁴ Com 803 títulos indicados nas páginas do material, a publicação apresenta, tudo o que já havia sido até então publicado acerca de jogos e seu trabalho estético-pedagógico. No prefácio da obra em epígrafe, destacam suas coordenadoras Maria Christina Barbosa de Almeida e Maria Heloísa Corrêa de Toledo Ferraz que:

A BIBLIOGRAFIA repertoria toda a produção encontrada sob a forma de monografias, teses, periódicos e jornais localizados em bibliotecas públicas, universitárias, de museus e associações que possuem acervos especializados em Arte-Educação. Nesta primeira etapa, a ênfase recaiu no levantamento dos acervos da cidade de São Paulo, mas o projeto é, por sua natureza, dinâmico, o que permitirá, em etapas posteriores, ampliar geograficamente os acervos levantados.¹⁵

No sentido de realizar um esforço para embasar os recém iniciados “professores de Educação Artística saídos do formo”, uma série de obras, conciliando os interesses pedagógicos aos capitalistas, foram publicados, também, dentre outros: Fanny Abramovich. **Teatricina**¹⁶; Hilton Carlos de Araújo. **Educação através do teatro**¹⁷; Hilton Carlos de Araújo. **Artes cênicas**¹⁸; Luiza Barreto Leite. **Teatro é cultura**¹⁹ Mais especificamente a partir da década de 1990, a professora Maria Lúcia Puppo – “engrossando” cordão liderado por Ingrid Dormien Koudela – vem realizando significativo trabalho de reflexão e orientação de estudantes, na graduação e na pós-graduação, enfocando o teatro-educação. Dentre as obras de Puppo, merecem destaque: **No reino da desigualdade. Teatro Infantil em São Paulo nos anos setenta**²⁰; e **Entre o Mediterrâneo e o Atlântico, uma aventura teatral**²¹. A maioria das obras importantes – o que é justíssimo – sobre o assunto aqui focado têm tido reedições.

¹⁴ ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de.;FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de. (Orgs.). **Arte-educação no Brasil: bibliografia**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade São Paulo; Associação de Arte-Educadores do Estado de São Paulo (AESP), 1984

¹⁵ Ibid.

¹⁶ ABRAMOVICH, Fanny; et. al. **Teatricina**. Rio de Janeiro: MEC; SNT, 1979.

¹⁷ ARAÚJO, Hilton Carlos. **Educação através do teatro**. Rio de Janeiro: Editex Rio, 1974.

¹⁸ Id. **Artes cênicas**. Rio de Janeiro: Agir, 1986.

¹⁹ LEITE, Luiza Barreto. **Teatro é cultura**. Rio de Janeiro: Editora Brasília/Rio, 1976.

²⁰ PUPPO, Maria Lúcia. **No reino da desigualdade. Teatro Infantil em São Paulo nos anos setenta**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

²¹ Id. **Entre o Mediterrâneo e o Atlântico, uma aventura teatral**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

Aliado a uma falta de interesse na publicação de novas obras (pela rápida pesquisa desenvolvida para produção deste texto) poucos títulos foram lançados na década de 1990. Uma das exceções é o livro de Maria C. Novelly. **Jogos teatrais: exercícios para grupos e sala de aula**²². Merece destaque, quebrando essa espécie de falta de investimento no setor, novamente traduzido por Ingrid Dormien Koudela e Eduardo Amos, o livro de Viola Spolin: **O jogo teatral no livro do diretor**²³.

Em nova fratura de tempo, à luz do exposto, ainda que interesses de diferentes matizes políticos, pedagógicos, estéticos e econômicos tivessem confluído para a produção de tantos materiais bibliográficos, é inequívoco o investimento na área, em fins da década de setenta e início da de oitenta. Apesar de o Brasil passar por uma perversa, sangrenta e cruel ditadura militar, e decorrente da necessidade de formação de mão de obra em pouco tempo para atender aos interesses e demanda das multinacionais, havia possibilidade de escolha entre tantos materiais sendo produzido, havia investimento no setor, havia treinamentos permanentes.

Nesse último particular – ainda que o chamado processo de distensão política tenha se iniciado em fins da década de setenta, e quem em 1979 o general Figueiredo, ao tomar posse, tivesse afirmado que daria porrada em quem o impedisse de conduzir o País à democracia – é bom lembrar que no processo eleitoral de 1982, em São Paulo, Franco Montoro é eleito governador e toma posse em 1983. Com todas as dificuldades em administrar um Estado, premido por múltiplos resquícios ditatoriais, os novos profissionais inseridos nos chamados órgãos centrais da Secretaria de Estado da Educação, cumpriram seu papel, promovendo uma série de ações, que foram dos mencionados processos de treinamento à publicação de propostas curriculares de todos os componentes curriculares. Muitas das conquistas do período precisam ser tributadas ao processo de luta dos profissionais da educação que, além de seus trabalhos nas escolas, saíram às ruas, em vários processos de greve, exigindo melhores salários e melhores condições de trabalho: por uma escola mais justa, participativa e democrática. Nesse momento histórico, as palavras de ordem aqui apontadas, tinham um sentido bastante explícito para a totalidade absoluta de professores que enfrentaram os resquícios do poder autoritário.

²² NOVELLY, Maria C. **Jogos teatrais: exercícios para grupos e sala de aula**. 2 ed. Campinas/São Paulo: Papyrus, 1996.

²³ SPOLIN, Viola. **O jogo teatral no livro do diretor**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

Apesar de todas as restrições que foram apresentadas à **Proposta Curricular Para o Ensino de Educação Artística de 1º Grau** (1988) – São Paulo: Secretaria de Estado da Educação; Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – houve um real investimento do Estado ao manter uma equipe composta por vários profissionais das artes que construiu e experimentou a proposta curricular, por meio de uma série de estratégias. Basicamente, a mesma equipe produziu também outro documento (publicado em versão preliminar) da **Proposta Curricular Para o Ensino de Educação Artística de 2º Grau** (1994). Até onde foi possível pesquisar, depois dessa última data não foram elaboradas outras propostas pedagógicas.

Também de 1994, ligada ao “Projeto Inovações no Ensino Médio”, foi publicada a **Proposta Pedagógica para a Pré-escola**²⁴. Não tive tempo de analisar o material, mas no índice aparece uma página dedicada ao teatro e – felizmente – seis às atividades físicas e jogos. Na bibliografia nenhum livro específico sobre a linguagem teatral. Com relação ao trabalho com jogos, apenas Roger Callois: **O jogo e os homens** e Constance Kamii e R. De Vries: **Jogos em grupo** constam das indicações bibliográficas consultadas.²⁵

Além da CENP, outro órgão ligado à Secretaria de Estado da Educação, a Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE) vem, desde a década de 1980, apresentando significativo material pedagógico. Em fins da década de 1980 e início da de 1990, houve uma verdadeira explosão de ações estendidas ao conjunto de professores de todo o Estado: muitos cursos, oficinas, palestras, ciclo de encontros e muitas publicações foram produzidas. De todas as publicações da FDE, a revista **Ideias**, com mais de trinta números, com periodicidade irregular – apresenta excelentes reflexões, e parece ter sido a única a ter processo de continuidade. Dentre vários números com matérias interessantes acerca dos jogos ou da atividade teatral, indico especialmente:

- número 02: **A pré escola e a criança, hoje** (1988). Sobretudo, **O Jogo e a Criança**, artigo de Elvira Cristina de Azevedo Souza Lima.

²⁴ PROJETO INOVAÇÕES NO ENSINO MÉDIO. **Proposta Pedagógica para a Pré-escola**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo; Secretaria Estadual de Educação.

²⁵ Diferente do material paulista – que não é a Proposta Curricular Para a Educação Pré-escolar. São Paulo: Secretaria do Estado da Educação; CENP, 1991. – há uma publicação Professor da Pré-escola. Rio de Janeiro (Ministério da Educação/Fundação Roberto Marinho, 1991, v. 2.) em que o item Jogos e Brincadeiras na Pré-escola ocupa 22 páginas e outras chamadas Artes e A Expressão Artística na Pré-escola 39 páginas.

- número 07: **O cotidiano da pré-escola** (1990).
- número 10: **O jogo e a construção do conhecimento na pré-escola** (1991).
- número 13: **Leitura, escola e sociedade** (1992).
- número 31: **Educação com arte** (2004).

Merecem destaque, ainda, duas iniciativas: o projeto “Amigos da Escola”, da Fundação Roberto Marinho, cuja publicação especial (v. 4, 2001), **Artes da Representação. A arte é de todos**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho/CENPEC, é totalmente dedicada à prática teatral. O segundo destaque vai para a publicação do **Caderno de Formação – Artes**, em 2ª edição, do Projeto “Pedagogia Cidadã”, coordenado pela Pró-reitoria de Graduação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho: São Paulo, 2004. Em ambos os materiais, e atendendo a convite de seus coordenadores, escrevi os dois textos tematizando a prática de jogos, imbricada a questões histórico-conceituais importantes. Pelo projeto “Amigos da escola”, o texto chama-se Artes da representação; e pelo projeto “Pedagogia Cidadã”, o texto chama-se O teatro em revista.

SAIDEIRAS - HOMENS TRABALHANDO SEM ESPERAR GODOT!

Absolutamente incomodado com os reiterados discursos segundo os quais a década de 1980 teria sido uma “década perdida”, desenvolvi minha tese de doutoramento tomando como mote principal as tantas perversões ideológicas contidas em tal afirmação. Como qualquer outra fatia de tempo, em meio a tantas contradições, urgências, confluências e antagonismos (mas uma década de muitos processos de realinhamento do País ao estado de direito), a década de 1980 corresponde a um período de recrudescimento e de luta da totalidade dos trabalhadores brasileiros.

Como afirmado anteriormente, professores passaram a enfrentar a ditadura, saindo às ruas e fazendo greves na cidade, a partir de 1978.

Trazer à tona embates travados e conquistas decorrentes desse período e processo históricos, principalmente aqueles da década de 1980, configura-se em rememoração de inúmeras conquistas. Significa, por meio de retomada mnemônica de parte de tantas ações, prestar homenagem à luta de enorme contingente de profissionais

inserido em escolas públicas ou particulares, em órgãos centrais da Secretaria Estadual de Educação e também do importante papel da APEOESP (hoje Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo).

Parte significativa do professorado atuava politicamente e exigia melhores condições de ensino, escola democrática, revisão das relações verticais... Materiais de qualidade para subsidiar e aprimorar o trabalho dos professores foi também uma bandeira de luta. Havia uma consciência histórica do que se vivia e o importante papel que cabia ao professorado e ao ensino das artes; da importância das artes no processo de formação do indivíduo.

Muita – uma infinda quantidade de – água correu... Do belíssimo poema, **E então, que quereis?**, de Wladimir Mayakóvski, talvez se pudesse evocar que:

Nestes últimos vinte anos
Nada de novo há
No rugir das tempestades
Não estamos alegres: é certo
Mas porque razão
Haveríamos de estar tristes?
O mar da história é agitado
As ameaças, as guerras, havemos de atravessá-las
Rompê-las ao meio, cortando-as
Como uma quilha corta as ondas.

Ando meio desatualizado no que concerne à produção de materiais bibliográficos na área de teatro-educação, mas por ministrar aulas em um curso de licenciatura, ouço permanentemente as queixas de muitos estudantes: e não falo do horror acarretado pelo abandono dos professores à sua própria sorte e à violência do Estado. Pouca coisa nova parece haver para ajudar os professores a enfrentar a luta, que, mais que apenas pedagógica, é de classes, mas que parece ter ultrapassado de longe as questões sociais e da intersubjetividade. Os moinhos de vento não estão em uma idealizada paisagem bucólica.

Em sala de aula, nos corredores, em alguns textos e alusões lidas/ouvidas, vejo os estudantes, ainda, consultando os mesmos livros que li quando adolescente... Fazendo (que horror!!!) os mesmos fichamentos que, trinta anos atrás, me foram solicitados e que de pouco, objetivamente, me serviram.

Assim, se do ponto de vista de publicações importantes houve conquistas, e aí estão os dicionários de teatro (refiro-me ao **Dicionário de teatro**, de Patrice Pavis; e ao **Dicionário de teatro brasileiro**, com organização de J. Guinsburg e outros); livros de

história e de estética teatral (impossível referir-se a alguns poucos títulos, na medida em que muito há de qualidade); livros abrigando a história e o teatro (refiro-me aos excelentes: **A história invade a cena**, organizado por Alcides Freire Ramos, Fernando Peixoto e Rosângela Patriota); à consciência histórica, compreendendo a responsabilidade no concernente à memória, de tantos grupos de teatro, sobretudo da cidade de São Paulo, que passaram a superar todas as dificuldades para documentar suas trajetórias.

Desse modo, e sem qualquer apologia ao passado, considerando tudo aquilo que se fez, se conseguiu mudar e as conquistas daí decorrentes, sinto, parafraseando Carlos Drummond de Andrade, em **Nosso tempo**, que vivemos “[...] um tempo de partido. Tempo de homens partidos.”

No amplo espectro compreendido para desenvolver uma reflexão acerca dos trinta anos de trabalho com o teatro-educação no Brasil (lembrando que a prática não institucionalizada vem de muito mais longe), estabeleci um recorte para apresentar alguns apontamentos que enfocassem parte do material bibliográfico produzido a partir de meados da década de 1970 até o final da década de 1990. Dessa panorâmica passagem por entre os materiais impressos e disponíveis, muitas referências ficaram de fora, mas priorizei, além de livros, algumas entidades e publicações produzidas na cidade de São Paulo.

São Paulo, inverno de julho de 2009.